

A Mediação Pedagógica a Distância como Processo de Formação Docente: o Caso da UNIVESP

Distance Pedagogical Mediation as a Teaching Training Process: the Case of UNIVESP

ISSN 2177-8310
DOI: 10.18264/eadf.v11i1.1323

Bruno José Betti Galasso¹
Fernanda Guinoza Matuda²

¹Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)/ Núcleo de Educação Online. Rua das Laranjeiras, 232 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil.

*galasso.bruno@gmail.com

²Centro Universitário Senac - Av. Eng. Eusébio Stevaux, 823 - São Paulo - SP - Brasil

Resumo

O trabalho objetiva analisar a formação docente para a educação a distância no ensino superior, com foco no programa “Formação didático-pedagógica para cursos na modalidade a distância” desenvolvido pela UNIVESP. A pesquisa, de caráter qualitativo, estrutura-se a partir da análise de conteúdo de 236 relatórios de facilitadores que atuavam nos cursos de Licenciatura ofertados pela instituição em 2020. Dos resultados desta investigação, o que se evidencia são algumas premissas fundamentais para o êxito de propostas nesse âmbito. Dentre as principais, destaca-se o incentivo à mediação pedagógica, convergindo interação e colaboração por pares em elementos formadores da ação educativa. A pesquisa aponta que a grande preocupação dos futuros docentes envolve os aspectos práticos da formação, considerando a organização pedagógica, a conduta adequada ao lidar com os estudantes, o preparo para atuar em disciplinas correlatas às áreas de formação, bem como a disponibilidade e participação na aprendizagem do alunado. Por fim, a pesquisa revela ser fundamental que o programa de formação docente para EaD promova o fortalecimento das conexões entre os agentes dos processos de ensino e aprendizagem, promovendo interações e possibilidades didáticas com o conteúdo, o modelo pedagógico e a tecnologia do ambiente virtual de aprendizagem.

Palavras-chave: Formação docente. Educação a distância. Mediação pedagógica.



Recebido 01/12/2021
Aceito 22/03/2021
Publicado 23/03/2021

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ABNT: GALASSO, B. J. B.; MATUDA, F. G. A. Mediação Pedagógica a Distância como Processo de Formação Docente: o Caso da UNIVESP. **EaD em Foco**, v. 11, n. 1, e1323, 2021.
[doi:https://doi.org/10.18264/eadf.v11i1.1323](https://doi.org/10.18264/eadf.v11i1.1323)

Distance Pedagogical Mediation as a Teaching Training Process: the Case of UNIVESP

Abstract

This paper aims to analyze teacher training for distance education in higher education, focusing on the program “Didactic-pedagogical training for distance learning courses” developed by UNIVESP. The qualitative research is structured based on the content analysis of 236 reports of facilitators who worked on the Licenciatura courses offered by the institution in 2020. From the results of this investigation, what is evidenced are some fundamental premises for the success of proposals in this context. Among the main ones, we highlight the incentive to pedagogical mediation, converging interaction and collaboration by peers in elements that form educational action. The research points out that the great concern of future teachers involves the practical aspects of training, considering the pedagogical organization, the appropriate conduct when dealing with students, the preparation to work in disciplines related to the areas of training, as well as the availability and participation in student learning. Finally, the research reveals that it is essential that the teacher education program for distance education promotes the strengthening of connections between the agents of the teaching and learning processes, promoting interactions and didactic possibilities with the content, the pedagogical model and the technology of the virtual learning environment.

Keywords: *Teacher training. Distance education. Pedagogical mediation*

1. Introdução

O ensino a distância é um fenômeno contemporâneo, intimamente ligado ao desenvolvimento industrial. A partir da necessidade de formação de trabalhadores, bem como a criação de identidades nacionais por meio de uma metodologia capaz de alcançar todo território, especialmente em países com dimensões continentais, o EaD constituiu-se em um campo fértil para o desenvolvimento profissional.

Esse modelo de formação, pautado pelo pragmatismo e afirmação da racionalidade como elemento transformador da realidade social, trouxe mudanças radicais no modo de encarar o processo educacional. Gradativamente, as universidades ampliaram seus espaços de formação a distância, de forma a tornar as novas gerações aptas a desempenharem funções técnicas. Nesse contexto, o ensino a distância foi associado à transmissão de conteúdos, desatrelando, em alguns modelos, a presença do professor nos processos de ensino e aprendizagem, descaracterizando a mediação pedagógica entre professores e alunos.

No Brasil, essa modalidade esteve restrita à oferta de supletivos e cursos profissionalizantes até a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), quando passou a ser possível a distintos níveis de ensino. Com o decreto nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998, o acrônimo EaD passou a ser definido como “educação a distância”, ratificando especificidades ligadas à mediação pedagógica por meio das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC).

Nos últimos anos, o número de vagas ofertadas no ensino superior a distância vem superando a oferta do ensino superior presencial. Em relação aos cursos de formação de professores, a disparidade é ainda maior, com pouco mais de 50% da oferta na modalidade a distância (INEP, 2019).

A UNIVESP (Universidade Virtual do Estado de São Paulo), inicialmente implementada como um programa de governo, foi instituída como fundação em 2012, com uma proposta pedagógica que se baseia em posicionamentos teórico-críticos sobre a importância da educação superior on-line para a formação de profissionais na atualidade. Em termos abrangentes, seu modelo pedagógico foi desenvolvido sob a ótica dos seguintes conceitos: “o conhecimento como bem público; a universalização do acesso à educação formal e à educação para cidadania; a utilização de metodologias inovadoras; e o uso intensivo das tecnologias de informação e de comunicação aplicadas à educação” (GARBIN, OLIVEIRA, 2019, p.38).

Enquanto universidade virtual, sua proposta metodológica se orienta para o desenvolvimento de situações-problema centradas nos universitários; na independência e na autogestão da aprendizagem. Os processos didático-pedagógicos são organizados em redes de aprendizagem, onde os atores do processo interagem por meio de um ambiente virtual de aprendizagem (AVA).

Além de ofertar cursos de graduação nos eixos das Engenharias, Licenciaturas, Ciência da Informação e Gestão Pública, a instituição também oferece o programa “Formação didático-pedagógica para cursos na modalidade a distância”, criado em 2019, com intuito de ampliar a formação de professores na modalidade a distância para atuação em nível superior, por meio do engajamento de pós-graduandos na docência em educação a distância (EaD). O programa busca incentivar a inter-relação acadêmica na área de educação mediada pela tecnologia, bem como a troca de conhecimento didático-pedagógico entre estudantes de pós-graduação da UNICAMP, USP e UNESP, que atuam como facilitadores das diversas disciplinas dos cursos de graduação da UNIVESP.

Este artigo objetiva analisar a formação docente para a educação a distância no ensino superior, no âmbito do modelo de mediação pedagógica desenvolvido pela UNIVESP. Para isso, utilizamos os relatos dos estudantes de pós-graduação das três universidades públicas do Estado de São Paulo (USP, UNESP e UNICAMP) que atuam como facilitadores (mediadores) no processo de ensino da instituição.

2. Mediação como Estratégia Formativa

A estruturação dos cursos na modalidade EaD costuma incorporar três pilares para o desenvolvimento dos trabalhos acadêmicos: transmissão de conhecimentos, aprendizagem colaborativa e o aprender-fazendo.

Na instituição pesquisada, a **transmissão de conhecimentos** é pautada pelo modelo de videoaula, produzido por equipes multidisciplinares da UNIVESP TV nos estúdios da Fundação Padre Anchieta. As videoaulas são executadas em diferentes formatos e estilos, passando por aulas gravadas em estúdio, salas de aula tradicionais, ambientes reais externos, até programas televisivos elaborados em linguagem televisiva comercial. Essas videoaulas são disponibilizadas com outros recursos como textos e exercícios, distribuídos em semanas, como indicam algumas pesquisas sobre a EaD, de que as pessoas aprendem melhor recebendo os conteúdos aos poucos, em vez de diversos objetos de aprendizagem ao mesmo tempo (CARVALHO, SANA & YAN, 2020).

Em cursos EAD também, o pilar da **aprendizagem colaborativa** é ancorado no conceito de aprendizado social, pressuposto básico para a construção coletiva do conhecimento gerado pelas interações no ambiente virtual. A partir da expansão das tecnologias colaborativas na última década, a interação entre pessoas através de redes sociais tem potencializando os processos de educação. A Figura 1 resume a evolução da tecnologia educacional nos últimos tempos.

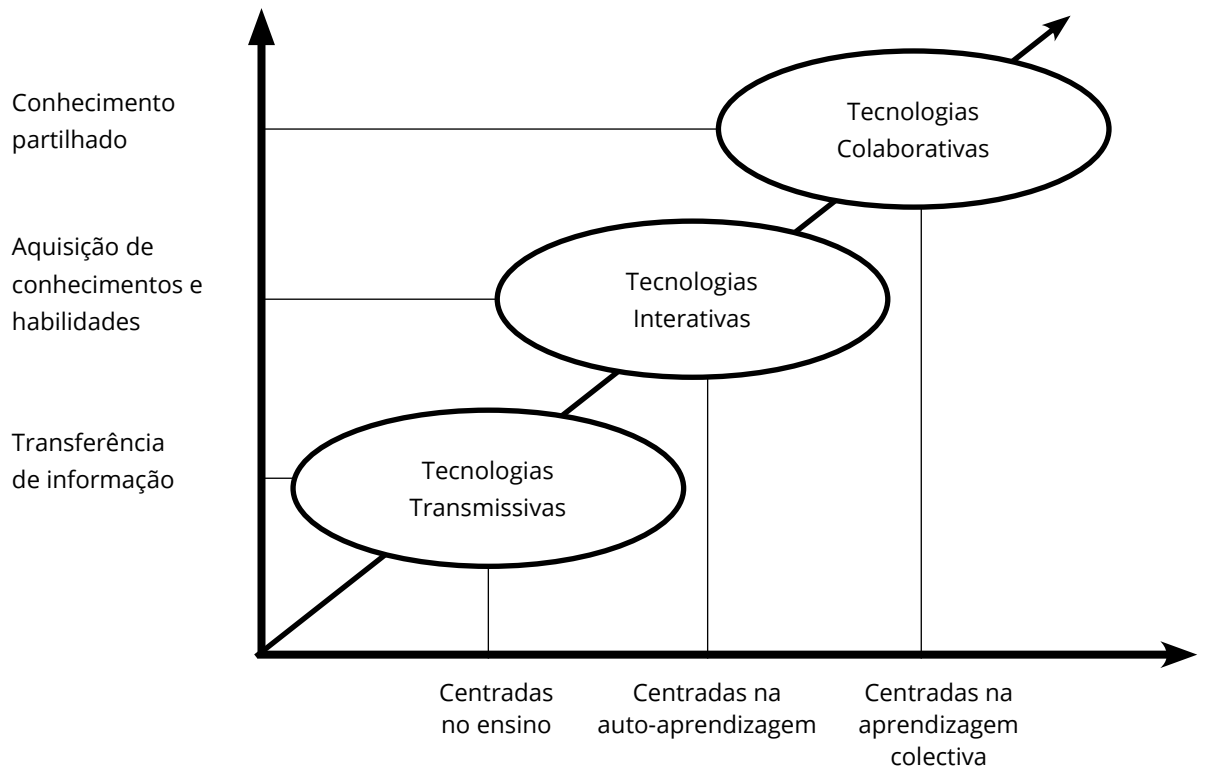


Figura 1: Evolução das tecnologias e sua relação com a aprendizagem.

Fonte: Elaboração dos autores

Das “tecnologias transmissivas”, associadas à transmissão e distribuição de conteúdos, nas primeiras fases da formação a distância, evoluiu-se para tecnologias mais interativas, que permitiam algum tipo de interação com o conteúdo por meio da máquina. Com o advento das “tecnologias colaborativas”, que se caracterizam pelo estabelecimento de altos níveis de interação comunicacional entre os intervenientes nos processos de formação, criam-se condições para a transformação dos processos formativos de acordo com um novo modelo mental, no qual é possível combinar independência, autonomia e colaboração.

Na UNIVESP, além do acesso ao conteúdo e da interação aluno-curso, as interações entre os participantes acontecem e são garantidas por meio de recursos de comunicação assíncrona (fóruns da disciplina, atividades em grupo e mensageria) e síncrona (por meio de videoconferências denominadas pela instituição de “lives”, realizadas pelo *Google Meet*).

O conceito do **aprender fazendo** aproxima teoria e prática, envolvendo os estudantes desde o início da formação em propostas efetivas de ação por meio de projetos. Esse modelo apoia-se no uso do *Design Thinking*, composto por uma abordagem sistêmica à solução de problemas que substitui o trabalho individual pelo trabalho em grupo, em busca do desenvolvimento de soluções, produtos, serviços e processos (BROWN, 2017). No modelo pedagógico da instituição, o Projeto Integrador baseia-se nestes conceitos e está presente na matriz de todos os cursos ofertados (UNIVESP, 2020).

A partir desses três pilares (transmissão de conhecimentos, aprendizagem colaborativa e o aprender-fazendo), estrutura-se um modelo didático-pedagógico para EaD, onde o papel da mediação ganha destaque, tanto na formação das redes de aprendizagem, como na retroalimentação dos conteúdos e debates propostos na plataforma.

3. Formação como Política Institucional

O principal mecanismo de manutenção da mediação pedagógica da UNIVESP é o programa de “Formação didático-pedagógica para cursos na modalidade a distância”, ofertado pela instituição em parceria com as demais universidades estaduais de São Paulo: USP, Unicamp e Unesp. Os acordos de cooperação com cada universidade parceira são assinados em períodos distintos e estipulam regras específicas, mas, no geral, se constituem na oferta de bolsas de estudo para estudantes dos programas de pós-graduação, visando sua formação para a docência no ensino superior a distância.

Semelhante a projetos consolidados, como o PAE - Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (USP, 2010), o programa proposto pela UNIVESP é composto por uma formação pedagógica e uma parte prática. Assim, o acordo de cooperação entre as universidades parceiras indica que os estudantes devem dedicar 12h semanais, sendo 4h destinadas à formação teórica (nos módulos cursados no ambiente de aprendizagem) e 8h de atividades práticas, acompanhando as disciplinas de graduação como facilitadores.

Ao ingressar no programa, os bolsistas são matriculados em um curso de formação, com sete módulos (Estratégias de aprendizagem para a mediação pedagógica na EaD; Avaliação da aprendizagem - Elaboração de instrumentos avaliativos; Trabalho com projetos; Metodologias ativas de Aprendizagem; Estratégias para o uso de recursos tecnológicos na EaD; Design educacional para elaboração de material didático e Trabalho de Conclusão de Curso). Ao término de cada módulo, recebem certificado de um curso de extensão e, quando conseguem participar de todos, completam a formação *lato sensu* “Especialização em processos didático-pedagógico para cursos na modalidade a distância”.

A permanência no programa varia para cada estudante, pois está atrelada ao término de suas atividades como aluno da pós-graduação na universidade parceira, bem como às avaliações de seu desempenho no curso e nas atividades práticas de mediação.

Como facilitadores, os estudantes de pós-graduação são alocados em disciplinas aderentes à sua formação e acompanham os alunos da graduação nas atividades realizadas no ambiente de aprendizagem, tanto na resposta de dúvidas sobre o material didático e mediação dos fóruns, como na avaliação das atividades e execução de momentos de interação síncrona (“lives”). Essa atuação prática é supervisionada por professores da universidade parceira (no caso da USP) ou supervisores UNIVESP (figura 2).

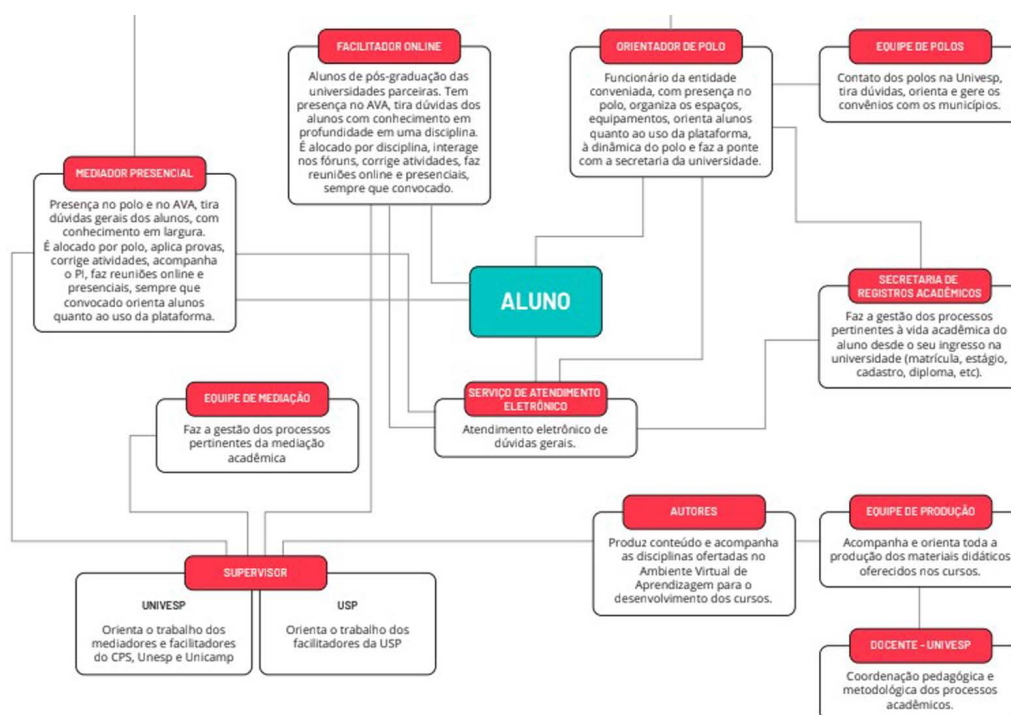


Figura 2: Mediação na UNIVESP

Fonte: Material institucional UNIVESP

Neste modelo proposto pela instituição, o facilitador não é o responsável pelo desenvolvimento de conteúdos e materiais da disciplina, mas é o agente de ensino mais próximo dos alunos, fazendo a “mediação” entre o aluno e o conteúdo, contribuindo para diminuir a distância transacional dos cursos na modalidade EaD (MOORE, 2002).

Metodologia

Com o propósito de analisar a formação docente no âmbito do modelo de mediação pedagógica a distância desenvolvido pela UNIVESP, realizamos um estudo dos relatórios mensais enviados pelos facilitadores nos meses de maio e junho de 2020. Estes relatórios partem de perguntas sobre a atuação individual dos facilitadores na mediação das disciplinas de graduação e foram preenchidos no ambiente de aprendizagem do módulo de formação que cada facilitador estava cursando.

No período do desenvolvimento deste estudo, a UNIVESP registrava a participação de 879 facilitadores ativos, sendo que 669 entraram no programa no ano de 2019, e o restante havia ingressado há menos de dois meses. Como recorte para esta pesquisa, elegemos os relatórios dos facilitadores da área de Educação e que, por esse motivo, atuavam em disciplinas de formação docente nos cursos de Licenciatura ofertados pela instituição. Todos ingressaram no programa de bolsa em 2019 e já haviam concluído pelo menos dois módulos do curso de formação.

Atendendo este perfil havia 118 facilitadores, sendo 46 estudantes de mestrado e 72 de doutorado, vinculados a programas de pós-graduação em Educação ou áreas afins: 32 estudantes da USP; 40 da UNESP e 46 da UNICAMP.

Os relatórios mensais costumam ser respondidos por meio de um formulário com perguntas abertas no ambiente virtual de aprendizagem da instituição. As respostas livres permitem que os facilitadores apresentem suas reflexões acerca de suas experiências com os alunos e com o conteúdo das disciplinas em que atuam. Ainda que muitos respondam as questões de forma sucinta, consideramos que estes registros escritos são uma prática importante da *práxis*.

O desenvolvimento profissional do professor, concebido como um processo reflexivo e crítico sobre a prática educativa, é potencializado pelo movimento de escrita na medida em que esta exige (re)elaboração e (re)significação do pensamento pela própria estrutura do ato de escrever que possibilita uma formulação mais acurada das ideias do que a comunicação oral. O professor em exercício ou o futuro professor, ao buscar palavras para melhor se expressar, dando ao outro a possibilidade de compreender seus pensamentos e ideias, pode, a partir de suas experiências, construir as relações necessárias à produção de sentidos (OLIVEIRA, 2011, p.290).

Algumas respostas dos facilitadores corroboram as afirmações de Oliveira (2011), quando eles refletem sobre suas experiências no programa.

A experiência me possibilita articular a dupla - teoria e prática - aprendendo teoricamente como atuar como Facilitadora na Educação a Distância, e aplicando e articulando os conhecimentos pretéritos junto ao processo de ensino e aprendizagem da turma que sou responsável.

Ainda que a atuação do facilitador seja apartada de aspectos importantes da prática de ensino (como escolher os materiais e textos abordados e ministrar as aulas, por exemplo), essa experiência tem contribuído para que eu consiga pensar um 'chão', uma base a partir da qual eu consiga sustentar meus conhecimentos, sistematizá-los, revisitá-los e transmiti-los a partir de outra lógica, menos 'encastelada' e mais relacional, mais 'útil', por assim dizer.

(Trechos de relatórios dos facilitadores)

Como pode ser observado no segundo relato, ainda que os facilitadores não atuem como professores nas disciplinas, eles vivenciam experiências que contribuem para a construção de sua identidade docente (FORTES, NACARATO, 2020). Por isso, consideramos que essas reflexões nos permitem conhecer um pouco sobre a formação docente e sobre o desenvolvimento de saberes próprios da docência na modalidade EaD.

Resultados

A implementação de uma política institucional de formação de professores traz novos significados às práticas educacionais, objetivos e contextos em que se realizam. Tardif (2010) afirma que os saberes docentes são plurais e provenientes de diversas fontes. Quando analisamos os relatórios dos facilitadores do programa de "Formação didático-pedagógica para cursos na modalidade a distância" ofertado pela UNIVESP, identificamos algumas questões relevantes sobre estes saberes. Em geral, os facilitadores indicam que o conhecimento do conteúdo (saberes curriculares) é fundamental para que eles possam realizar um bom trabalho de mediação pedagógica.

Com relação às dúvidas conceituais, nunca tive dificuldades, já que sempre fui alocada para ser facilitadora de disciplinas **dentro da minha área de atuação**.

Não tive dificuldades de interação, mesmo porque é um conteúdo que, de certa forma **tenho domínio devido a minha formação inicial e atual na qual estou inserido**, que é a área de educação.

Para responder sobre alguns conceitos que não faziam parte da minha formação foi preciso estudar, buscar informações para poder dar um apoio ao aluno.

Aponto a alocação de facilitadores em disciplinas que **não possuem a mesma área de formação**, pois com isso demanda um maior tempo de estudo ao conteúdo da disciplina ofertada, podendo gerar a execução de um trabalho feito sem rendimento de 100%.

(Trechos de relatórios dos facilitadores, grifo nosso)

Segundo os relatos, nem sempre os facilitadores conseguem ser alocados em disciplinas aderentes à sua formação, o que não os impede de auxiliar os alunos. Porém, fica evidente que, quando o conteúdo é familiar ao facilitador, sua atuação como mediador pedagógico é mais segura e qualificada. As narrativas também trazem fortes indícios de que os facilitadores têm seus desempenhos melhorados quando recebem os conteúdos previamente.

Com relação aos saberes experienciais, constituídos na prática docente na EaD, os 236 relatórios analisados tornaram possível a identificação de diversos pontos de convergência em relação à atuação dos

facilitadores na instituição. Por conta do volume de relatos e da diversidade de temas relacionados ao objeto de estudo do trabalho, estabelecemos as seguintes categorias de análise: formação docente e mediação pedagógica.

a. Formação Docente

Apesar de o programa prever uma formação teórico-prática, nos relatórios analisados, há pouca menção ao curso/módulo de formação e prevalecem reflexões acerca da prática, destacando o lugar das experiências construídas com os alunos na formação da identidade docente. Nesse sentido, é interessante notar como alguns facilitadores, na posição de educadores, também se descobrem aprendendo e, em alguns casos, se sentem desafiados a estudar mais.

... encontrei **oportunidade de aprendizado**, pois ao respondê-los, me obriguei a rever os conceitos, estudar os conteúdos, para poder oferecer uma resposta consistente.

Há que se destacar o **conhecimento que adquirimos** com isso, as distintas possibilidades e realidades dos estudantes **nos faz repensar constantemente** como poderíamos agregá-los às discussões mesmo com todas as dificuldades temporais de cada um.

Assim, estímulo sempre que eles falem, se manifestem, escrevam ou abram o microfone sem medo ou vergonha para relatar como aquelas questões se efetivam em seu dia a dia. Acredito que tem surtido um efeito positivo. Trata-se de algo que **fui percebendo aos poucos** que seria interessante investir e tenho sempre agido assim. Enfim, experiência muito positiva **para eu aprender a lidar com minha timidez** também, dificuldade e certo receio em iniciar uma conversa. Mas tenho observado que a resposta tem sido muito positiva.

Julgo que tenho **mudado minha postura**, desde que iniciaram as Lives, pois me fizeram entrar em contato mais direto e humano com os/as alunos/as. Vendo suas caras, corpos e interagindo nesses momentos síncronos, passei a ter também mais disposição para os momentos assíncronos.

(Trechos de relatórios dos facilitadores, grifo nosso)

A interação com os estudantes da graduação se transforma em desafio e aprendizado para os facilitadores. Eles relatam construir aprendizagens que vão desde o aprofundamento do conteúdo a ser ensinado até a mudança de postura e comportamento deles frente aos alunos. São saberes docentes que vão sendo construídos pela vivência da própria natureza da profissão, o “saber-fazer” e o “saber-ser” docente (TARDIF, RAYMOND, 2000). Estes saberes se delimitam fundamentalmente na relação professor-aluno, que proporciona conhecimentos novos a cada diálogo compartilhado, como indicam alguns relatos com foco no atendimento às necessidades de cada aluno, ainda que o contexto seja de turmas numerosas.

Acredito que a **comunicação mais amigável** e mais frequente é uma maneira de fazê-los sentirem acompanhados. Outra forma é tentar responder mais prontamente aos **comentários feitos de maneira mais personalizada**.

Tive um pouco de dificuldade em tentar motivar alunos que demonstravam desânimo ao enfrentar dificuldades na leitura de textos considerados mais “densos” por eles. Conversei com minha supervisora e na live que fizemos com a professora autora do curso percebemos que esta foi uma queixa de outros alunos também. [...] Entretanto, **sugeri**

estratégias de autorregulação da leitura, promovendo estratégias e oferecendo suporte e motivação. Também disse que ele poderia usar como recurso a busca por outros textos dentro da mesma temática para ajudar a elucidar o conteúdo que estava vendo, e postar as dúvidas e perguntas no fórum, desta forma todos aprenderiam juntos.

(Trechos de relatórios dos facilitadores, grifo nosso)

Os trechos acima mostram um pouco de como se dá a construção de saberes que vai se modelando na prática, a partir da interação com os alunos, mas não somente com eles. O segundo relato indica outros participantes do processo (professor-autor, supervisor), comuns na modalidade EaD, e sugere uma ação compartilhada na mediação pedagógica dos cursos. Lidar com casos reais e poder discuti-los com outros agentes do processo é uma experiência formativa importante para os facilitadores que, em alguns casos, já têm experiências docentes no ensino presencial, mas que estão descobrindo “saberes didático-pedagógicos novos”, próprios da educação à distância (SOUZA, SARTORI E ROESLER, 2008).

À medida que os facilitadores integram-se e assumem responsabilidades no desenvolvimento de competências individuais e coletivas, através do esforço em torno do trabalho cooperativo e compartilhado com os outros agentes dos processos de ensino, favorecem as bases para construção de um repertório cultural comum na comunidade virtual, que lhes permite aprender e melhorar o desenvolvimento de estratégias em etapas posteriores. Nesse sentido, é interessante quando o próprio facilitador percebe que está em outro espaço de aprendizagem, com linguagem e metodologias próprias.

Acredito muito na realização das lives, pois nos permite uma aproximação e interação maior com os estudantes, realizando-as desde o princípio, não tive problemas especificamente com os alunos, embora avalie que preciso aprimorá-las, pois muitas vezes me pego dando “aulas” e sei que o conceito não é esse.

(Trecho de relatório de facilitador)

O relato supracitado evidencia a importância da qualidade na formação do processo de mediação entre facilitador e alunos, ao atender às exigências de promoção da interação por meio das mais variadas formas e mídias, pautadas pelos contextos virtuais de aprendizagem, pondo em destaque o modo de produzir os conteúdos, o planejamento da moderação sustentada nas relações sociais e a produção de sentido entre os grupos, bem como o próprio domínio das interfaces digitais do ambiente. Vale lembrar que a interação nos meios digitais reforça a dimensão do espaço de fluxo, constituído de impulsos eletrônicos (pontos de comunicação) e de organização horizontal entre facilitador e estudantes, possibilitando um andar mais compassado entre os envolvidos no processo de ensino.

Ao analisarmos a qualidade da comunicação entre facilitadores e estudantes, foi possível notar que a modalidade EaD representa um desafio contínuo para o docente, pois há significativa dificuldade acerca do entendimento do *locus* de realização da aprendizagem, totalmente virtual.

Tenho ficado bastante “no vácuo” e via de regra aparecem apenas alguns comentários no fim agradecendo e pedindo o material (o que não deixa de ser um feedback, mas é pouco). Penso que as *lives* contribuem, mas a falta de identidade de turma, a ausência de proximidade e intimidade tornam as relações mais frias e desumanizadas. E não falo isso como um clichê de “olho no olho” ou “falta de contato físico” porque o modelo é à distância. É uma questão objetiva de perguntar e não receber resposta, por que não estou vendo ninguém e não se sentem na necessidade de responder. Mesmo que eu repita a pergunta e fique

um bom tempo em silêncio, por vezes o silêncio permanece, então eu continuo porque é o que dá pra fazer. Numa sala de aula isso também acontece, mas eu sei que as pessoas estão lá, posso me direcionar a alguém em específico, propor formas das pessoas se expressarem não verbalmente.

(Trecho de relatório de facilitador)

A partir desse relato é possível inferir que a tecnologia digital, como uma das linguagens a que recorremos para nos comunicar, implica na construção social que se realiza e se amplia através da história, e que atua na transformação das relações socioculturais e econômicas dos indivíduos. Tanto os facilitadores como os estudantes apresentam determinadas bagagens construídas por suas próprias histórias de vida, culturas e agrupamentos sociais distintos. Daí a importância do fortalecimento da interação facilitador-aluno, considerando que o educador, em sua função de mediador, tem a atribuição de canalizar o saber do aluno em direção ao conteúdo da disciplina a ser mediada e também o desafio de auxiliar a turma na compreensão sobre como “estar presente” nesse contexto, engajando todos na construção de uma verdadeira comunidade virtual de aprendizagem.

b. Mediação Pedagógica

No programa de formação analisado, a mediação pedagógica cumpre uma dupla função: a de promover experiências práticas a futuros professores na EaD e a de promover a aproximação do aluno com o conteúdo, facilitando suas aprendizagens. Com relação à formação docente, os relatos dos facilitadores indicam que a própria experiência mediadora possibilita o desenvolvimento de rotinas, necessárias à prática docente em todos os contextos educacionais.

Elaboro um pequeno texto para abertura da semana. Durante a semana faço algumas provocações com perguntas sobre o conteúdo para incentivar a participação. Respondo a todas as participações, mesmo que seja apenas com um agradecimento. Informo sobre as *lives* como datas, horários e link.

Estou como facilitadora desde agosto de 2019 e tenho **tentado aprimorar o uso desses instrumentos**, a fim de alcançar maior número de estudantes. **Desenvolvi uma rotina própria** de uso do e-mail da caixa de entrada, que consiste em realizar uma “boas-vindas” no início da semana, apontando brevemente os conceitos chaves do conteúdo semanal, dispondo da agenda e pauta das lives.

Um bom **planejamento requer preparação** do conteúdo e elaboração de um roteiro do que será apresentado na live, considerando todos os recursos necessários. Partindo dessa assertiva, da primeira semana até a quinta semana as atividades que realizei com o grupo de estudantes foram: sistematização e aprendizados das semanas com exemplos e situações que sejam relevantes para os estudantes, discussões sobre os temas propostos e plantão de dúvidas em relação às atividades avaliativas por meio de uma comunicação dialógica, deixando espaço para questionamentos e reflexões. Além disso, esses momentos possibilitaram conhecer os alunos da turma e eles a mim.

(Trechos de relatórios dos facilitadores, grifo nosso)

A organização pedagógica apresenta-se como premissa ao ato da mediação nos diversos relatos analisados, promovendo um movimento contínuo de maturação didática aos participantes do programa de

formação. Faz-se possível perceber que a mediação realizada com o alunado implica responsabilidade ativa aos objetivos com os quais se comprometem enquanto facilitadores, bem como pelo contexto social no qual esses objetivos são delimitados.

De acordo com Souza, Sartori e Roesler (2008), a EaD é composta por dois processos de mediação: “a mediação humana e a mediação tecnológica, imbricadas uma na outra” (p.335). Neste estudo, a partir dos relatos analisados, especificaremos este processo de mediação em quatro categorias, duas relacionadas ao que as autoras chamam de “mediação tecnológica” (aluno-curso; aluno-conteúdo) e duas à “mediação humana” (aluno-professor autor; aluno-aluno).

Na relação aluno-curso, como na EaD, o tempo e o espaço da aprendizagem são flexíveis, em cursos mais extensos não é raro que os alunos comecem a se distanciar, adotando uma postura mais burocrática, como estudar e fazer as atividades somente para as avaliações. Os relatos de alguns facilitadores sobre a participação dos alunos nas *lives* (momentos síncronos de comunicação) demonstram essa questão da diminuição da participação ao longo do curso/disciplina.

Entre 5 a 30 estudantes, dependendo do momento do bimestre. No **começo há mais participação, depois reduz para poucas pessoas.**

30 a 50, depende da semana! **Nas semanas iniciais sempre é um número maior**, depois entre as semanas 03 e 06 a quantidade de alunos e alunas participantes diminui bastante e na semana de revisão ressurtem, inclusive nas *lives*.¹

(Trechos de relatórios dos facilitadores, grifo nosso)

Neste contexto, a atuação mediadora do facilitador é fundamental para motivar, interagir e convidar o aluno à participação no curso. Por si mesmos, eles constroem procedimentos e rotinas para realizar uma busca ativa dos estudantes, a fim de manter o interesse deles no curso.

Para aumentar e estimular a participação dos alunos, tenho **enviado mensagens de incentivo** na caixa de entrada lembrando aos estudantes da **importância da participação** nos fóruns. Já no fórum temático respondendo às reflexões postadas.

Mensagens no fórum relacionadas aos conteúdos, a fim de **fomentar o interesse dos alunos**, bem como respondendo perguntas feitas pelos discentes sobre o sistema.[...] Além disso, toda semana é deixada uma mensagem relacionada aos estudos dos alunos no fórum com vistas à participação dos mesmos.

as ações por nós realizadas foram no sentido de oferecer suporte aos alunos, com **provocações de estímulo a comentarem os temas da semana** de estudos, perguntando sobre o desafio da semana lançado pelo professor, além de sua própria rotina de estudos, se encontraram alguma dificuldade, sempre nos colocando à disposição para auxiliá-los.

(Trechos de relatórios dos facilitadores, grifo nosso)

Ainda que quase todos os facilitadores busquem a participação dos alunos, quase não há registros sobre o retorno que recebem dessas tentativas. Pelo contrário, é comum o registro sobre a pouca participação da turma, tendo em vista o número dos que participam e o total de alunos no grupo. Alguns

¹ As turmas são formadas por aproximadamente 400 alunos. Há dois ou três facilitadores que realizam, cada um, uma *live* por semana.

relatórios destacam que essa baixa participação pode não estar relacionada apenas à falta de interesse dos alunos ou por problemas de como os processos são conduzidos. Na educação a distância, o perfil do aluno é diferente do ensino presencial tradicional. O estudante precisa agir de forma ativa em busca do conhecimento, interagindo com o conteúdo, com os facilitadores e com os colegas, mas, se este estudante não compreender os meios, para que eles servem e como usar os recursos disponíveis, essa interação não acontece de forma qualificada, como aponta um dos relatos de facilitadores:

acompanhei a participação nos dois fóruns o de dúvidas e o temático, porém nem sempre eles utilizavam corretamente os fóruns por exemplo: faziam uma pergunta de dúvida técnica no fórum temático. Na semana 3, por exemplo, tinha o Fórum na semana que tinha uma participação de 38 postagens entre alunos e facilitadores, porém nesta mesma semana não tinha postagem no fórum de dúvidas, sendo que os alunos/as centralizaram em um único fórum. Os/as alunos/as não tem o hábito em participar e refletir nos fóruns. Até estimulamos, porém encontram dificuldades nesta interação.

(Trecho de relatório de facilitador)

Percebe-se que as ferramentas e caminhos do ambiente virtual se transformam em instrumentos simbólicos de mediação, por meio dos quais o sujeito constrói seu raciocínio, dinamiza múltiplas habilidades e potencializa suas linguagens. Essa dimensão é alcançada através da experiência interativa com o grupo, do componente humano e de seu processo de mediação. Ferramentas como o fórum e os *chats*, apropriadas para a interação entre seus usuários, ganham destaque a partir do momento em que os alunos são incentivados a usá-las para discussões e trocas de ideias. Nesse contexto, os relatos apontam questões importantes sobre a mudança de comportamento dos alunos, a partir das ações de mediação.

Nos fóruns de dúvidas, ao final de cada resposta sempre destaco que me mantenho à disposição para qualquer dúvida e escrevo questões para que possam refletir sobre a temática e voltarem ao fórum para respondê-la. Além das postagens no fórum, utilizo a caixa de entrada do AVA para incentivá-los, aumentando o leque de possibilidades de contato. [...] Postei no fórum vigente uma mensagem pedindo para que os alunos não deixassem de compartilhar as ideias, pensamentos, conclusões e dúvidas sobre a temática e me disponibilizando para auxiliá-los. Alguns dias depois, obtive e-mail de alunas com dúvidas e essas mesmas alunas passaram a participar de todas as Lives.

Sobre a mediação aluno-conteúdo, os relatos dos facilitadores costumam apontar a utilização do fórum e a interação nas *lives* para tirar dúvidas e aprofundar discussões sobre o conteúdo da disciplina.

Como tínhamos dois fóruns, de dúvida e temático, no primeiro postava as Metas da Semana e respondia às dúvidas dos estudantes. No segundo, dialogávamos com as questões propostas pelo professor da disciplina referente a temática que estava sendo discutida.

As atividades realizadas por mim nos momentos síncronos foram basicamente dois: o primeiro deles foi fazer uma orientação sobre estratégias de leitura para textos acadêmicos, de forma a ajudar os alunos a fazerem uma leitura com mais objetivo, e melhor percepção crítica dos conteúdos. Reforcei a importância das estratégias de leitura e a autorregulação, bem como orientei a utilizar a ficha de leitura fornecida pela UNIVESP na semana 1.

Não ofereci nenhuma bibliografia adicional. Eu **recomendo a leitura e estudo do material do AVA** (muitos já reclamam que é muita leitura), **para incentivar a leitura do material** eu coloco pequenas partes do texto base na apresentação das *lives* e discuto com os alunos o conteúdo. Minha estratégia tem sido estimular a leitura do material que já é oferecido.

A participação dos alunos, ainda, é baixa. Os alunos participam do Fórum, normalmente, para tirar dúvidas, ou apresentar **algum comentário, muitas vezes, superficial do conteúdo**, visto que a sua participação neste espaço não vale nota. Minha ação nas últimas semanas do curso, foi **colocar a indicação de materiais (artigos, vídeos, filmes, etc) para ampliar o repertório cultural dos alunos**. Não obtive nenhuma resposta concreta, mas algumas curtidas.

(Trechos de relatórios dos facilitadores, grifo nosso)

Exercitar o papel de orientador é essencial para formação dos facilitadores, pois entre suas diversas atribuições, há uma proposição de mediação mais ampla, que seleciona, filtra, organiza, nomeia e dá significado aos objetos de estudo. Assim, o facilitador transmite e aponta visões de mundo aos estudantes e, nesse contexto, faz-se possível afirmar que os momentos passados com os colegas de turma, supervisores e professores-autores promovem situações de aprendizagem mediada, onde o enfoque não se dá somente sobre o conteúdo das informações, mas incide no diálogo intencional entre o emissor e o receptor da mensagem.

Nas *lives* (momentos síncronos com os alunos), a comunicação torna-se mais próxima, pois por meio delas é possível promover a troca de experiências, permitindo que os estudantes façam conexões entre os conteúdos estudados e suas experiências de vida.

Uma das alunas (nome da aluna) apresentou seu depoimento acerca da sua própria experiência na formação de alfabetização (e atualmente enquanto aluna da pedagogia na UNIVESP) Exerce a função de merendeira em uma escola.

Nome da aluna 18:26 “ ... olha, eu concluí meus estudos nesta modalidade, e o que estou estudando agora me faz lembrar do meu tempo. Como os professores da época atuavam eu tive uma rápida experiência com alfabetização de adultos e hoje eu vejo que não é a mesma coisa, e sempre achei que fosse...”.

Neste sentido, até o momento as atividades realizadas em momentos síncronos são realizado mais enquanto troca de experiências da prática na sala da EJA e sobre reflexão do conteúdo da semana.

(Trechos de relatórios dos facilitadores da disciplina de Educação de Jovens e Adultos)

Especialmente por se tratar de um curso de formação de professores, essa troca de experiências - entre os alunos e entre os facilitadores e os alunos - dá sentido ao conteúdo aprendido, além de possibilitar a aproximação entre todos os envolvidos no processo educativo.

Com relação à mediação entre os alunos e o professor autor, os facilitadores também cumprem um papel importante. No modelo praticado pela UNIVESP, semelhante a outras instituições que ofertam cursos na modalidade a distância, é comum a figura de um “professor-autor” que escreve o conteúdo, prepara as vídeoaulas, faz a curadoria de recursos e materiais complementares e propõe as atividades avaliativas.

Este professor nem sempre consegue estabelecer vínculos com os alunos, conhecer as necessidades e as dúvidas surgidas ao longo do semestre e, neste contexto é que o facilitador acaba sendo um elo importante de mediação entre os alunos e o docente que da disciplina.

Senti que muitos **alunos tinham dificuldades** com os termos específicos utilizados, talvez por uma formação inicial insuficiente ou muito tempo afastado dos estudos. **Consultada, a professora** sugeriu um dicionário de termos linguísticos para ajudar os alunos.

Atualmente, a disciplina em que facilito está com uma excelente organização, **os alunos têm elogiado muito a professora-autora** e os conteúdos. Inclusive, recomendaram que esta disciplina seja uma das primeiras a serem estudadas, apresenta uma outra visão do ensino de matemática.

(Trechos de relatórios dos facilitadores, grifo nosso)

O relato acima exemplifica a relação mediadora do facilitador que, de fato, atua entre os alunos e o professor que elabora os materiais do curso. Essa mediação também é verificada na relação aluno-aluno, especialmente quando os facilitadores mencionam a importância da interação por pares para o sucesso da modalidade a distância.

A promoção dessa interação gera nos alunos o sentimento de pertença ao grupo e de presença no espaço virtual, dando-lhes segurança para trabalhar nesse espaço, além de incentivá-los a participar das discussões e dos trabalhos em grupo, aumentando a colaboração entre os pares, o compartilhamento de informação e o desejo de aprender. No entanto, alguns problemas de falta de interação também marcam essa modalidade de ensino.

... é bastante problemático, porque esses alunos e alunas têm um caminho bastante solitário durante a vida acadêmica no modo EaD. Poderiam se apropriar dos fóruns não só para dúvidas ou questões teórico-práticas, mas como espaço constitutivo de vínculos sócio-emocionais de suas trajetórias acadêmicas. Ainda que não seja um espaço físico.

Os fóruns poderiam ser espaços riquíssimos de discussão e interação, porém, percebo que a participação é esporádica e muitas vezes, por exemplo, não há dúvidas no fórum de dúvidas!

Tento fazer um trabalho de instigar os estudantes a se mobilizarem, porém, isso também tem que partir deles. Mas, seguirei tentando!

Nos fóruns do último módulo, uma média de 15 pessoas. Eles escreviam bastantes comentários e interagiam entre si, o que foi muito interessante. Também busquei interagir mais com eles, uma vez que havia alunos com mais dificuldade.

(Trechos de relatórios dos facilitadores, grifo nosso)

De acordo com os relatos, percebemos o potencial do favorecimento da partilha entre os estudantes por meio das práticas de mediação, impulsionando a produção intelectual dos alunos. Essa produção acontece na EaD em uma rede tecida de interações entre todos os envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem, concebida como inteligência distribuída, ou seja, uma capacidade intelectual construída e partilhada socioculturalmente.

Tal pressuposto demonstra a necessidade de uma prática consistente na formação dos facilitadores para promoção da interação aluno-aluno. Uma prática que faça proveito da sua potencialidade para fornecer condições culturais mais favoráveis ao pleno desenvolvimento das potências de cada estudante. Para isso acontecer, faz-se necessário que formação e prática caminhem juntas, tanto em relação aos fatores humanos quanto aos tecnológicos, não se separando da conjuntura social que estabelece essa modalidade.

Conclusões

Dos resultados desta investigação, na qual a principal questão diz respeito à formação docente para atuação na EaD, o que se evidencia são algumas premissas fundamentais para o êxito de propostas nesse âmbito. Dentre as principais, destaca-se a mediação pedagógica, convergindo interação e colaboração por pares em elementos formadores da ação educativa.

A pesquisa aponta, por meio da análise dos relatórios dos facilitadores, que a grande preocupação dos futuros docentes envolve os aspectos práticos da formação, considerando a organização pedagógica e a conduta adequada ao lidar com os estudantes, o preparo para atuar em disciplinas correlatas às áreas de formação, bem como a disponibilidade e participação na aprendizagem do alunado.

Nesse contexto, faz-se necessário apontar como fator de sucesso do programa “Formação didático-pedagógica para cursos na modalidade a distância” a proposta continuada bimodal em EaD aos facilitadores, que atuam como alunos e mediadores ao mesmo tempo, pois criam-se contextos que emergem outros elementos essenciais ao papel docente na EaD, como a habilidade com a tecnologia do curso, a agilidade nas respostas em tempo real e/ou assíncrono, o retorno às tarefas elaboradas pelos alunos nos fóruns e a capacidade de incentivar o aluno a participar das discussões e atividades avaliativas.

Esses apontamentos tangem a interação efetiva com todos agentes que compõem o modelo pedagógico da UNIVESP (professor-autor, supervisor, facilitador, aluno), onde se revela a importância da mediação, indicando que o papel do facilitador é tão importante nesse modelo de ensino e aprendizagem como na educação presencial, podendo ser até mais central e oneroso do que o papel do professor presencial no ensino tradicional.

A análise do programa evidencia a necessidade de formações teóricas alinhadas à prática, com o intuito de desenvolver novas competências para essa função de polidocência. Isso implica possibilitar desenhos de modelos de formação docente que vão ao encontro das práticas docentes na EaD, conectando a tecnologia com o currículo proposto, e ampliando a forma como os futuros professores compreendem a práxis.

Dessa forma, faz-se necessário considerar o conhecimento tecnológico no currículo do programa de formação docente para a EaD, considerando o desenvolvimento de competências conectadas ao conhecimento pedagógico e ao conteúdo, isto é, na intersecção desses dois tipos de saberes. A pesquisa revela ser fundamental que o facilitador tenha o conhecimento das conexões, interações, possibilidades e restrições entre o conteúdo, o modelo pedagógico e a tecnologia. Apesar de a instituição analisada trabalhar com plataformas de aprendizagem intuitivas, alguns relatos apontaram dificuldades na integração das tecnologias digitais disponíveis ao ensino, de modo a promover uma aprendizagem eficiente.

No entanto, o caso pesquisado aponta como caminho insuficiente para formação de professores para EaD o simples treinamento individual em ferramentas de um ambiente virtual de aprendizagem, pois há de se considerar a estruturação de um modelo dialógico entre os professores em formação, onde definem-se os aspectos teóricos e práticos do processo. Pois, embora estes nem sempre se configurem em práticas eficazes, lidam significativamente com elucubrações que tratam do significado da prática educacional. Nesse sentido, o processo ressignifica os propósitos e as condições da educação.

Por fim, espera-se que os debates sobre as propostas de formação docente para EaD no ensino superior sejam ampliados a partir dessa pesquisa, mobilizando a comunidade acadêmica para a impreterível tarefa de procurar meios de enfrentar o desafio da formação de professores devidamente preparados para as exigências dos processos de ensino e aprendizagem contemporâneos, vinculando a ação educativa aos ideais públicos que a norteiam.

Referências

- BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em 03 nov. 2020.
- BROWN, T. **Design Thinking uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas idéias**. Alta Books, 2017.
- CARVALHO, P. F., SANA, F. & YAN, V. X. Self-regulated spacing in a massive open online course is related to better learning. *npj Sci. Learn.* 5, 2 (2020). Disponível em <<https://doi.org/10.1038/s41539-020-0061-1>>. Acesso em 03 nov. 2020.
- Fortes, F. A. M.; & NACARATO, A. M. (2020). Formação de Professores: Metassíntese da Produção Acadêmica sobre o Curso de Pedagogia EaD. **EaD Em Foco**, 10(2).
- GARBIN, M.; DE OLIVEIRA, E. Práticas docentes na Educação a Distância: um olhar sobre as áreas do conhecimento. **Revista Diálogo Educacional**, [S.l.], v. 19, n. 60, p. 36-55, mar. 2019. ISSN 1981-416X. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/24106/23252>>. Acesso em: 06 nov. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.7213/1981-416X.19.060.DS02>.
- INEP. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Superior 2019**. Brasília: Inep, 2020. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>>. Acesso em: 06 nov. 2020.
- MOORE, M. G. Teoria da Distância Transacional. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, São Paulo, Agosto 2002. Disponível em <<http://seer.abed.net.br/index.php/RBAAD/article/view/111>>. Acesso em 06 jul. 2020.
- OLIVEIRA, R. M. M. A. Narrativas: contribuições para a formação de professores, para as práticas pedagógicas e para a pesquisa em educação. **R. Educ. Públ.** Cuiabá, v. 20, n. 43, p. 289-305, maio/ago. 2011. Disponível em <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/download/307/275>>. Acesso em 06 nov.2020.
- SOUZA, A. R. B.; SARTORI, A. S.; ROESLER, J. Mediação Pedagógica na Educação a Distância: entre enunciados teóricos e práticas construídas. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v.8, n.24, p. 327-339, maio/ago.2008. Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189116834002>>. Acesso em 08 set.2020.
- TARDIF, M. **Saberes Docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**. Ano XXI, nº 73, dez/2000. p. 209-244. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4214.pdf>>. Acesso em 08 set. 2020.
- UNIVESP. Universidade Virtual do Estado de São Paulo. **Modelo Pedagógico da Univesp**. Disponível em <<https://univesp.br/>> acesso em 17 jul 2020.
- USP. Universidade de São Paulo. **Programa de Aperfeiçoamento de Ensino**. Diretrizes, de 9 de dezembro de 2010. São Paulo, 2010. Disponível em <http://www.prpg.usp.br/attachments/article/631/Diretrizes_PAE.pdf> acesso em 16 jun 2020.